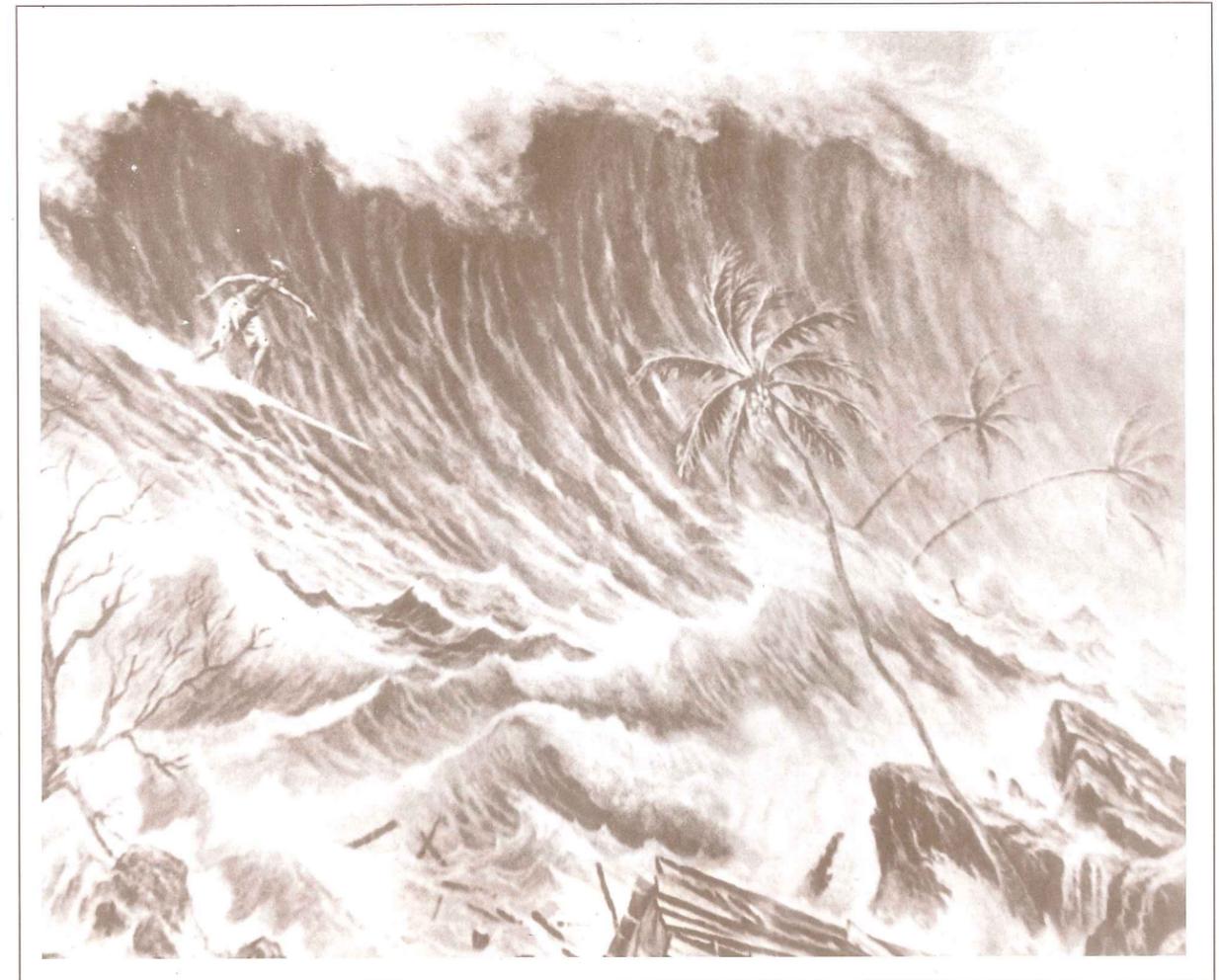


Surf Gênese



A antropologia do Surf

Capítulo I

A Gênese do Surf

Capítulo 1 - Antropologia

2

Que ato ilusoriamente simples é esse de apanhar uma onda no mar. Matematicamente, a análise desse ato pode ser mais complexa do que a grande maioria dos mortais sonha entender. Entretanto, essa tarefa pode ser realizada se a entregarmos a um físico experiente. Porém, muito mais complexo e intrigante é decifrar a dimensão de como essa simples relação entre o homem e a onda pode influenciar tanto a consciência quanto a personalidade de um ser humano, melhor ainda... de vários seres humanos, todos eles imersos em um mesmo arquétipo. Independentemente de credo, raça ou profissão, o simples fato de sermos todos surfistas nos une em laços muito bem atados e originados em um passado remoto e irrecuperável. Ninguém sabe ao certo onde o surf se originou, se entendermos o surf na sua mais pura concepção... ou seja, o ato de deslizar sobre a arrebentação. Algumas teorias nos levam à África ocidental, outras ainda nos remetem à costa norte do Peru, onde por muitos

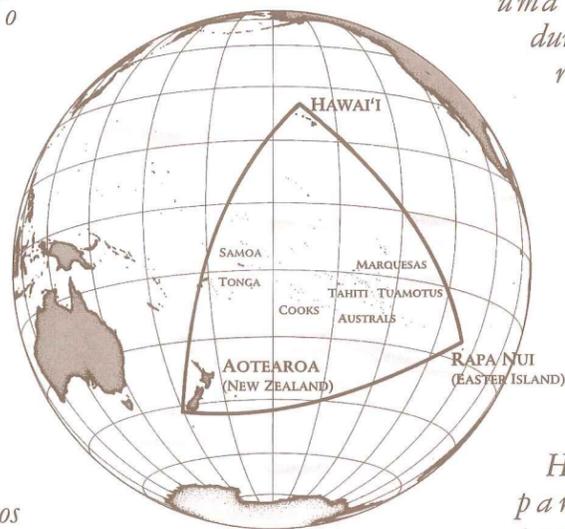


anos nativos deslizaram sobre as ondas utilizando embarcações feitas de fibra de junco, conhecidas como caballos de totora¹¹. Mas, se levarmos em consideração o significado da palavra "cultura", torna-se inquestionável a ligação do surf com os polinésios. Segundo os dicionários, cultura é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade ou civilização, e não existe outra nação no mundo que explicita isso de modo tão contundente como a nação polinésia. Logo, se quisermos entender ao menos uma ínfima porção da origem dessa força mágica que nos impulsiona pela vida, temos necessariamente que entender um pouco da vida e dos costumes desse povo único que, de certa forma, nos presenteou com esse brinquedo transcendente chamado surf.

3

O triângulo polinésio

Polinésia literalmente significa "muitas ilhas". Muitas ilhas distribuídas em uma área de 25 milhões de quilômetros quadrados, que forma um triângulo conhecido como triângulo polinésio. O termo foi criado pelo magistrado francês Charles de Brosses em 1756, combinando duas palavras de origem grega¹⁰. A região é delimitada pelo arquipélago havaiano ao norte, a ilha Rapa Nui (ilha de Páscoa), situada a sudeste, e a Aotearoa (Nova Zelândia), situada na região sudoeste do Pacífico. Atualmente a Polinésia é considerada uma nação, graças às descobertas de um dos maiores navegadores e exploradores de todos os tempos, o capitão inglês James Cook. Entre 1768 a 1779, Cook desbravou a Polinésia de norte a sul e de leste a oeste. Comandando suas naus Endeavour e Resolution, esse inglês foi o primeiro navegador da fase européia de expansão global a documentar as similaridades lingüísticas, religiosas e tecnológicas entre os diferentes ilhéus dessa vasta região do globo.



Cook, ao que tudo indica, foi um explorador que se diferenciou dos demais exploradores europeus que o antecederam, pois admirava e respeitava a cultura desse "novo" povo, a ponto de chegar a aprender rudimentos do dialeto polinésio com um nativo taitiano de nome Tupaia, com quem travou uma grande amizade durante sua estadia nessa região^{10,17}. Para todos nós, surfistas, que amamos nosso esporte, é quase que uma obrigação entender suas raízes e seu profundo eco em nossa mente. Tudo nos leva a crer que o surf como cultura nasceu no Havaí. Entretanto, para que possamos compreender o seu real significado, temos que seguir desvendando as características do povo polinésio, pois para sabermos onde um povo se situa em um contexto cultural, é fundamental saber de onde ele emergiu. E esse é um dos maiores enigmas antropológicos de nosso tempo. Como esse povo alcançou as ilhas mais remotas do planeta? Predecessores de Cook foram unânimes em



descredenciar os polinésios da arte da navegação. Para eles, era impossível que esse povo tivesse alcançado as ilhas da Polinésia utilizando suas rudimentares embarcações, isso sem falar na falta de compassos de navegação e outras instrumentações básicas. Em 1595, um navegador espanhol conhecido como Pedro Fernandez de Quiro fez a seguinte afirmação: "Os polinésios são um povo sem habilidade naval e, portanto, sem a mínima possibilidade de empreender longas viagens através deste vasto oceano"¹⁰. Nessa época, entretanto, não se tinha ainda a mínima noção da grandiosidade

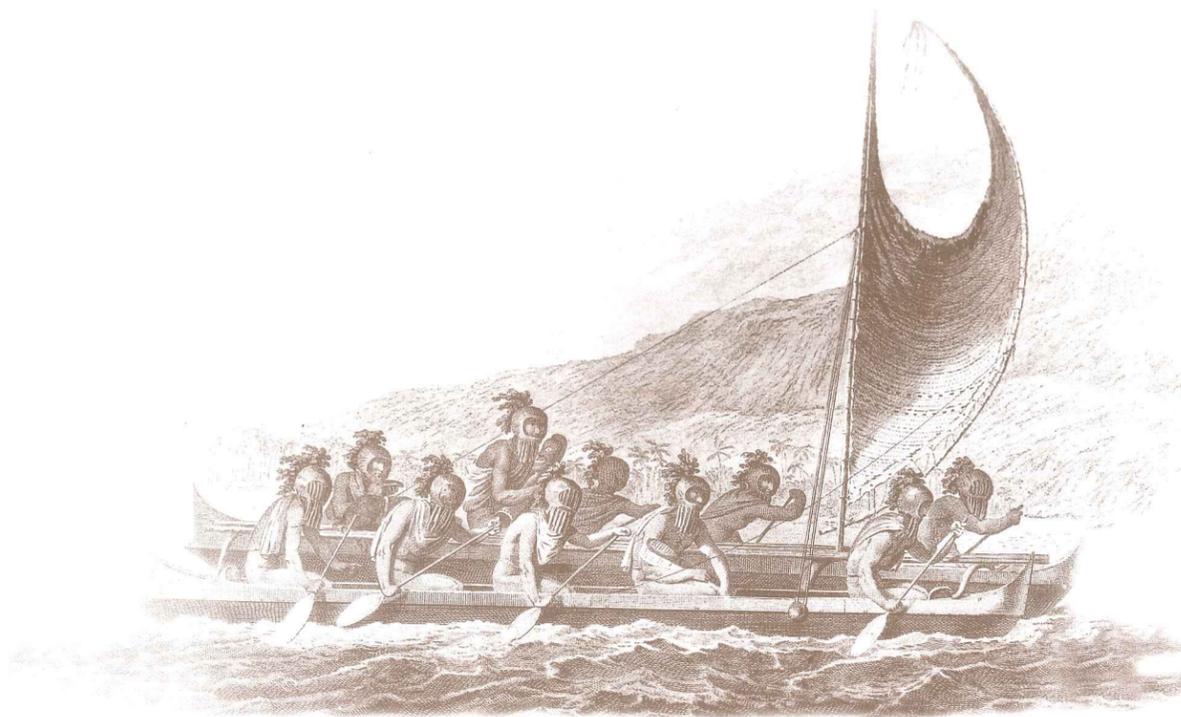
do triângulo polinésio, nem da similaridade cultural entre os mais remotos ilhéus, por esse motivo essa afirmação não foi questionada por alguns anos. Outro navegador, Jacob Roggeveen, em 1722, também desqualificou as habilidades na arte da navegação dos ilhéus que habitavam Rapa Nui. Nessa época, devido ao desmatamento dessas ilhas por inúmeras gerações de colonizadores polinésios, que usaram as árvores para fazer casas e transportar as famosas estátuas da ilha de Páscoa, suas embarcações eram ainda menores do que as utilizadas pelos nativos do Taiti,

não chegando nem sequer a 10 pés de comprimento¹⁰. Alguns anos mais tarde, Tupaia começou a esclarecer o mistério para James Cook. Segundo ele, os polinésios orientavam-se em suas longas jornadas marítimas utilizando-se do Sol, da Lua e das estrelas, além da direção das ondulações, e da migração dos pássaros marinhos como referência de rota. Os polinésios eram um povo do mar! Mesmo sem bússolas, sem compassos e sem grandes naus, foram capazes de empreender grandes jornadas pelo maior oceano da terra. Foram os primeiros e os mais hábeis navegadores de que se tem notícia. Isso foi um duro golpe na arrogância européia, que se gabava de possuir o mais alto conhecimento intelectual da humanidade. Existem inúmeros relatos de James Cook versando sobre essa fantástica capacidade intelectual dos polinésios em domar o oceano mais bravio com simplicidade e coragem. Os barcos utilizados pelos polinésios eram extremamente simples, funcionais e versáteis. Feitos com ferramentas rudimentares de pedra, osso e coral, dois grandes pedaços de árvore davam origem a duas canoas, que eram então unidas com tábuas de madeira onde se fixavam velas feitas com fibra de coco ou folhas de pandano (um tipo de palmeira), ou ainda da árvore fruta-pão. Esses barcos recebiam o nome de Hokul'é'a, e apesar da aparência frágil, eram muito mais velozes do que as grandes caravelas dos conquistadores europeus, sendo utilizados nas mais ousadas epopéias marítimas. Alguns barcos menores eram também

utilizados em pequenas travessias e deslocamentos locais. Eram as famosas canoas conhecidas na língua inglesa como outriggers, até os dias de hoje muito utilizadas nos mares da polinésia e que também têm íntima relação com a cultura do surf.

A origem dos polinésios

Mas afinal, qual é a origem dos polinésios? Cook escolheu o leste do continente asiático como o ponto de origem da migração polinésia. O explorador foi levado a pensar desse modo por perceber que, à medida que avançava do Taiti para o limite oeste do Pacífico, a mesma trilha lingüística se mantinha de ilha para ilha. Navegando com Cook estava Joseph Banks, um jovem botânico que tinha estudado filologia em Oxford e que mais tarde veio a se tornar presidente da Royal Society. Devido ao seu conhecimento de línguas, Banks foi capaz de identificar inúmeras semelhanças nos dialetos falados nas ilhas situadas no sudeste asiático com até mesmo as mais remotas ilhas da Polinésia, tal qual o Taiti¹⁰. O único obstáculo que Cook visualizava ao estabelecer essa teoria é que a rota de migração do povo que deu origem aos polinésios teria necessariamente que atravessar as latitudes tropicais,



e normalmente nesse trecho do oceano Pacífico fortes ventos, conhecidos como trade winds, sopram do leste para o oeste, o que favoreceria uma navegação do continente americano para a Polinésia, mas dificultaria sobremaneira uma epopéia na direção contrária. Mais uma vez foi Tupaia quem esclareceu o aparente mistério, quando relatou a Cook que as migrações eram feitas nos meses de novembro, dezembro e janeiro, quando os ventos vindos de oeste predominam nessa rota tropical, tornando a travessia possível¹⁰. A teoria de Cook é relativamente bem aceita nos dias atuais, e um grande número de cientistas com vários estudos lingüísticos suportam tal hipótese. De fato,

seis anos antes de Cook e Banks, Adriaan Reeland já tinha identificado palavras pertencentes à mesma família lingüística entre ilhas da Polinésia, da Melanésia (região que compreende Fiji e Nova Guiné) e da Malásia e Java. É sabido que essas similaridades de fato se estendem até regiões remotas do oceano Índico, como a grande ilha de Madagascar! Essa família lingüística foi denominada malaio-polinésia, mas atualmente é mais conhecida como austronésia¹⁰. As diferenças entre as populações das diversas ilhas foi explicada por Johann Reinhold Forster, um naturalista pertencente à segunda expedição de Cook. Com base na cor da pele dos ilhéus, Forster hipotetizou



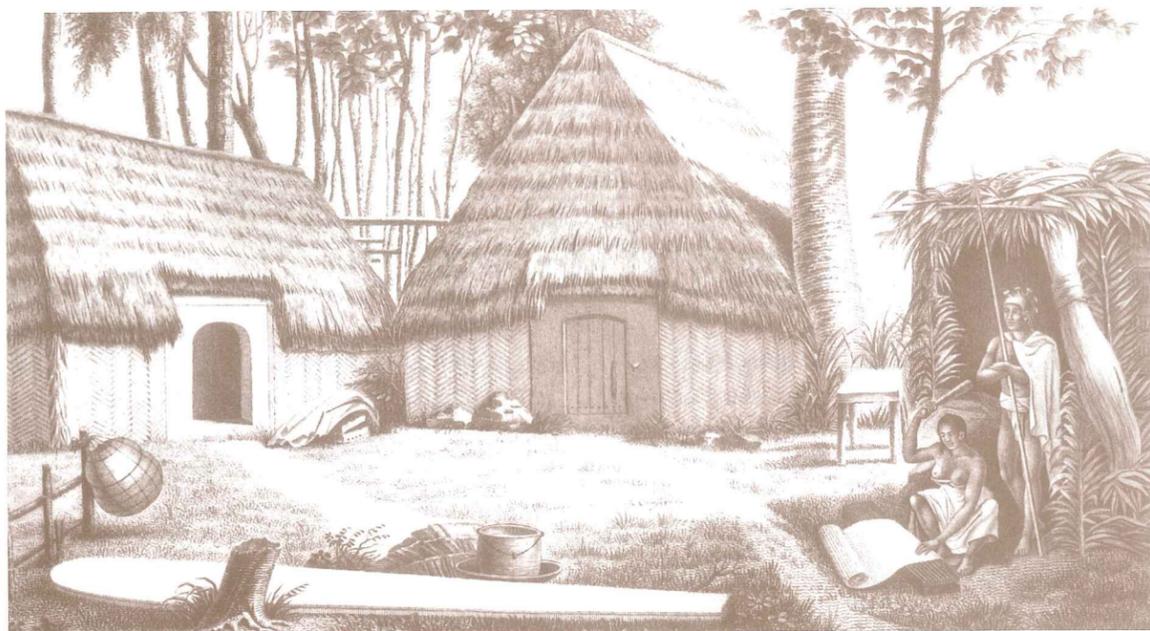
duas principais migrações para o pacífico: uma primeira, de pessoas de pele mais escura, que se dirigiram para a região da Melanésia, e uma segunda e mais recente, de pessoas de pele mais clara, que migraram para a Polinésia e para a Micronésia, um conglomerado de pequenas ilhas situadas na região noroeste do Pacífico. A teoria de Forster levou Johann Blumenbach, antropólogo do século XVIII, a acrescentar uma nova raça, a malaia, às quatro grandes raças já conhecidas: caucasianos, asiáticos, americanos e etíopes¹⁰. Logo, foi graças às Hokulea's e às enormes habilidades marítimas desses destemidos viajantes que,

há mais ou menos 3.500 anos atrás, o povo polinésio começou a sua história de amor com as ondas, os ventos e as correntes marítimas desse enorme oceano Pacífico. Para nós, amantes do surf, é difícil não cair em devaneio sobre tal período. É provável que esse tenha sido o responsável pela criação de um novo código genético, que centenas de anos mais tarde clamou por sua expressão, conduzindo esse povo novamente para o mar, mas dessa vez não com o intuito de migrar, de desbravar e de conhecer novos horizontes... o objetivo agora, ao que tudo indica, era um só: brincar... divertir-se, retornar às origens... assim deve ter nascido o surf!

Surf: o presente do Havaí para mundo

Existe um interessante ditado popular que afirma: quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas. Isso parece ser válido também para o surf, que desde seu provável início tem se transformado de forma radical, sem contudo alterar sua essência. Apesar disso, alguns elementos de nosso esporte nem ao menos chegaram a se transformar. É o caso das forças geradoras das ondas, das tempestades, dos ventos e das plataformas de pedra, lava e coral que formaram a base do surf dos reis polinésios e que se mantêm no mesmo lugar até os dias de hoje, sustentando o vício de cada nova geração de surfistas, que ciclicamente cria novas tribos, mantendo viva a tradição de seus remotos antepassados. O surf é o presente do Havaí para o mundo. Muito antes do capitão James Cook adentrar a baía de Kealakekua, os havaianos já dominavam essa nobre arte. Deslizar pelas ondas usando uma pequenina prancha de madeira já era parte da rotina da grande maioria dos ilhéus da Polinésia. Os havaianos tomaram esse antigo hábito, desenvolveram pranchas enormes, refinaram-se na arte do shape, criaram novas técnicas e elevaram o surf ao mais alto patamar dentro de sua cultura¹¹. O primeiro relato publicado sobre o surf no Havaí foi feito pelo tenente James King: a bravura e a extrema habilidade desses nativos ao desenvolver as difíceis e perigosas manobras sobre as ondas só pode ser classificada de estonteante e é algo realmente difícil de acreditar

quando presenciado de fato⁵. Alguns anos mais tarde, e 2000 milhas abaixo do Havaí, James Morrison relatou a prática do surf por nativos do Taiti, e ainda existem vários relatos semelhantes na remota Rapa Nui e também em Aotearoa. Ao que tudo indica, os polinésios eram bem ecléticos com relação aos materiais utilizados na prática do surf. Qualquer coisa que boiasse podia ser usada para surfar, até mesmo pedaços de troncos de coqueiros eram utilizados para se pegar ondas! Entretanto, a grande diferença entre os havaianos e os demais povos polinésios começa a se tornar evidente quando consideramos quem eram os surfistas, com qual material surfavam e de que forma surfavam¹¹. Na grande maioria das ilhas do oeste da Polinésia, o surf era praticado principalmente por crianças, e quase que exclusivamente por meninos. De fato, era um passatempo, uma brincadeira infantil, tal qual o jogo de esconde-esconde ou a amarelinha. Em contraste, nas ilhas Marquesas, no Taiti, nas ilhas Sociedade, ilhas Cook, Rapa Nui, Havaí e Aotearoa, o surf era um esporte praticado por todas as pessoas, homens, mulheres e crianças, das mais diferentes idades¹¹. Os outros aspectos da prática do surf, o tamanho das pranchas e a maneira como se surfava, são intimamente relacionados, uma vez que a extensão da prancha determina as possibilidades do surf. Duas principais linhagens de pranchas foram identificadas na Polinésia: os bodyboards,



mais conhecidos como paipos, e as pranchas maiores, que possibilitavam o surf em pé. Os relatos históricos mencionam a existência de grandes pranchas de surf somente no Havaí, Taiti e em Aotearoa. Entretanto, as pranchas de Aotearoa, apesar de terem 6 pés de comprimento, tinham somente 9 polegadas de largura, e muito provavelmente não puderam ser utilizadas na prática do surf em pé. No Taiti, Morrison relata a prática do surf na posição ereta por alguns nativos que faziam uso de pranchas grandes, com cerca de 6 pés de comprimento. A grande maioria dos nativos das ilhas restantes, no entanto, fazia uso somente de paipos¹¹. Os havaianos, em contrapartida, possuíam verdadeiras pranchas de surf, algumas

delas com mais de 18 pés de comprimento, 2 pés de largura, 6 polegadas de espessura e que poderiam chegar a pesar até 50 quilos! Algumas dessas pranchas ainda podem ser vistas nos belos museus de Honolulu, como o Bishop Museum ou o Hawaii Maritime Center. Como tais pranchas tinham ótima flutuabilidade, todos os tipos de abordagens surfísticas podiam ser realizadas: surf de joelho, sentado e na posição ereta. Hoje já se sabe que os havaianos eram capazes de executar todas essas manobras, o que, somado aos diferentes equipamentos utilizados por eles, fez com que essa estirpe se diferenciasse sobremaneira das demais da Polinésia. Os taitianos foram os que chegaram mais perto dos havaianos.

De acordo com Morrison, alguns surfistas taitianos do século XVIII ficavam, mesmo que momentaneamente, na posição ereta em suas pranchas, mas é pouco provável que algum rei do Taiti vencesse um torneio de surf em Waikiki, caso fosse realizado naqueles tempos¹¹. É tentador considerar que, embora o desenvolvimento dessa atividade no Havaí e no Taiti não tenha ocorrido de forma paralela, de alguma maneira deve ter sido relacionado em algum momento. Inúmeras lendas descrevem longas viagens de canoa entre o Taiti e o Havaí. Uma delas conta a história de um rei que, tendo navegado do Taiti ao Havaí, fixou residência permanente em um famoso local de surf em Kauai. De acordo com essa história, Mo'ikeba, um chefe do Taiti, velejou para o norte em direção ao Havaí em sua Hokule'a. Depois de meses de jornada, aportou em Kauai, em um local conhecido como Wailua Bay. Nesse dia, grandes ondas estavam sendo surfadas por todos os ilhéus, e Mo'ikeba se juntou a eles. Enquanto surfava, o bonito rei era observado pelas duas filhas do chefe de Kauai, Ho'oipokamalani e Hinau'u. Mais tarde, hipnotizado pela beleza das duas irmãs, o rei do Taiti casou-se com ambas, e após a morte de seu sogro, tornou-se o rei de Kauai. No final de sua vida, Mo'ikeba enviou para o Taiti o seu filho nascido em Kauai, Kila, para encontrar-se com seu filho taitiano La'a e relatar sua saga. Esse relato é mantido até hoje na forma de uma bonita canção:

*Ele está desfrutando em Kauai,
Onde o sol nasce e se põe,
Onde o surf em Makaiwa se reverencia,
Onde o florescer do kukui de Puna muda,
Onde as águas de Wailua se expandem,
Ele viverá e morrerá em Kauai¹³.*

Essas lendas sustentam, ao menos em parte, as inúmeras similaridades culturais entre essas duas distantes regiões do triângulo polinésio. O alto desenvolvimento do surf nesses dois locais é um bom exemplo de cultura compartilhada, muito embora estejamos apenas tateando no campo da especulação e seja praticamente impossível afirmar com certeza quais das duas culturas teria sido a pioneira em transformar um mero passatempo de criança em uma das atividades culturais mais importantes da nação. Embora as íntimas relações entre as ilhas possam ser obscuras, a seqüência a seguir poderia bem representar os primeiros passos do desenvolvimento seguido por essa linhagem. Primeiramente, os precursores dos polinésios aventuraram-se em longas jornadas de canoa com destino às diversas ilhas. Iniciaram a colonização e a exploração dessa vasta região há quase 4.000 anos atrás. Posteriormente, teriam desenvolvido rudimentares paipos que foram usadas por suas crianças. No momento em que seus descendentes aventuravam-se mais fundo nas explorações do oceano Pacífico, levaram com eles esse passatempo, que aos poucos passou a ser adotado pelos adultos, homens e mulheres. Finalmente, ao longo da costa havaiana o

surf atingiu seu ápice, sendo a habilidade em manter-se ereto sobre as enormes pranchas a sua mais requintada expressão¹¹. Como o surf talvez tenha atingido o seu clímax no Havaí, nossa história pode, de fato, iniciar-se naquelas remotas ilhas. Lá, o surf não foi simplesmente um passatempo, mas sim o centro da vida social e das atividades ritualísticas desse povo. Na literatura polinésia, é possível encontrar alusões ao surf nas mais diferentes situações, desde a escolha da árvore que serviria de matéria-prima para a confecção de uma prancha até lendas que falam de um chefe havaiano que teria morrido durante um torneio de surf¹. Em 1823, o missionário C.S. Stewart observou que, em Maui, a prancha de surf era um importante artigo de propriedade privada entre todos os grandes chefes daquela ilha, homens e mulheres, assim como entre todos os membros da comunidade. Depois de um dia de grandes ondas na costa de Lahaina, conta-nos Stewart, o surf gerava uma oportunidade única para os ilhéus desfrutarem de sua atividade favorita. Quanto maiores as ondas, mais excitante se tornava esta atividade²¹. Os nativos passavam literalmente horas praticando surf. Outro missionário, de nome Ellis, relata: Quando as ondas chegavam, os vilarejos ficavam completamente vazios. Tarefas do cotidiano, tais como pesca, atividades de plantio e de construção, eram totalmente esquecidas e deixadas de lado, enquanto toda a comunidade, homens, mulheres e crianças,

passavam o dia a divertir-se nas ondas que quebravam sobre os reefs⁸. A organização das comunidades facilitava esta abordagem, pois todas elas eram essencialmente localizadas em áreas costeiras, e a vida perto de uma natureza tão exuberante intuitivamente deve ter ensinado a estes nativos o caráter cíclico das manifestações da natureza. O swell não tem hora para chegar... quando as ondas estão presentes, tudo o mais pode esperar, pois da mesma forma que elas repentinamente aparecem, repentinamente também se vão. Tudo indica que essas comunidades viviam com plenitude, e levavam muito a sério um conceito que parece estar perdido na maioria das sociedades ocidentais, o conceito de lazer. O **Dicionário Houaiss** define lazer como: 1- o tempo que sobra do horário de trabalho elou do cumprimento das obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas, 2- folga e passatempo. A falta de lazer nos dias atuais é, para muitos especialistas, a principal causa do estresse, a doença do século XXI. Nós, surfistas, sempre tentamos resistir aos tentáculos desse monstro. Talvez o estigma do surfista, estereotipado como o eterno vagabundo, tenha nascido do choque cultural entre duas das mais distintas sociedades existentes no mundo, a dos polinésios, que reverenciava a vida, e a dos ocidentais, cujos principais modelos foram orientados para a degradação do meio ambiente com fins puramente de acumulação de bens e riquezas. O mais interessante, contudo, é que, ao menos em teoria, essa riqueza deveria ter



sido destinada à obtenção de mais lazer, culminando com mais diversão. No entanto, a meio caminho, algo deve ter saído errado, e os meios se tornaram os fins em si mesmos, criando patéticas situações em que o ato de divertir-se parece sumariamente proibido, sendo o caráter de um homem medido tomando-se como base as horas destinadas ao trabalho. Todas as pessoas

que já tiveram o privilégio de conhecer o arquipélago havaiano ficaram encantadas com a quantidade de áreas utilizadas para a prática do surf, e embora no início do século XX somente a região de Waikiki apresentasse resíduos do que outrora tinha sido o surf, nos tempos remotos as ilhas já apresentavam a mesma quantidade de points destinados à

prática desse esporte. Todas as ilhas sem exceção tinham seus surf spots: a maior ilha, Havaí, tinha 28 locais conhecidos; Oahu nove; Maui oito; Kauai sete; Molokai um; Nibau três; e Lanai um¹¹. Foi ao longo da costa de Kona, no Havaí, que o grande rei Kamehameha I aprendeu a surfar. Kamehameha foi o grande responsável pela unificação de todas as ilhas havaianas em um só reino. Esse fato ocorreu entre os anos de 1790 a 1800. Foi também em Kona, mais precisamente na baía de Kealahou, que o tenente King, da esquadra de James Cook, presenciou pela primeira vez a prática do surf. Mais tarde, o mesmo King escreveria um bonito relato sobre essa experiência, que, conforme já foi referido, seria a primeira menção oficial sobre o surf no Havaí⁵. A costa norte de Oahu é sem sombra de dúvida o local mais desafiador para aqueles que almejam colocar suas habilidades surfísticas à prova. Dentre os mais famosos picos dessa região se destaca Sunset Point. Esse local era conhecido no passado por Paumalu, o que significa “tomado secretamente”, e faz menção a uma mulher polinésia cujas pernas foram mordidas por um tubarão em castigo pelo fato de ter apanhado mais polvos do que o necessário para sua alimentação¹¹. Essa pequena história aponta para uma provável consciência ecológica do povo polinésio. Entretanto, o mais interessante é que existem lendas sobre surfistas enfrentando Paumalu! De acordo com uma delas, um príncipe de Kauai chamado Kabikilani cruzou

centenas de milhas de mar aberto para chegar a Oahu e desafiar a força de Paumalu. Assim que ele chegou, começou a surfar o local com habilidade e destreza. Enquanto surfava, era observado por uma mulher-pássaro que tinha poderes sobrenaturais e vivia em uma caverna numa montanha próxima. A habilidade do príncipe fez com que ela se apaixonasse por ele, e logo a mulher-pássaro enviou seus mensageiros até Kabikilani. Lá chegando, os mensageiros colocaram um colar de flores em seu pescoço e o guiaram até a caverna. Encantado com a mulher-pássaro, Kabikilani passou vários meses com ela, mas a força de Paumalu foi superior, e ele a abandonou para voltar a surfar. Antes de partir, entretanto, prometeu a sua amada que nunca mais beijaria outra mulher, mas as ondas de Paumalu devem ter ofuscado sua memória e ele quebrou sua promessa. Como castigo, a mulher-pássaro o enfeitiçou e transformou-o em pedra²⁴. É bem provável que o grande dilema das namoradas dos surfistas já fosse um fato há centenas e centenas de anos atrás! Sendo o surf o centro de sua cultura, não é de estranhar que tenha influenciado e produzido tantas histórias e lendas nos mais diferentes aspectos da vida desses ilhéus, inclusive histórias de amor. A algumas milhas de Waikiki existe um point de ondas chamado Ke-Kai-o-Mamala (o mar de Mamala). Este local de surf está localizado em uma estreita passagem onde agora existe o porto de Honolulu (atual nome do antigo distrito de Kou), e bem em frente a ele existe um lindo

jardim de coqueiros chamado Honoka'upu. O local foi assim chamado em homenagem a Mamala, uma famosa surfista e rainha de Oahu. Ela era uma kupua, um tipo de semideusa, com poderes sobrenaturais, e podia se transformar em uma linda mulher, um lagarto gigante ou um tubarão. De acordo com a lenda, ela foi casada com outro kupua: o homem tubarão Ouba. Entretanto, Honoka'upu, o proprietário do jardim de coqueiros, a desejou como sua esposa e Mamala deixou Ouba. Ridicularizado e triste com a situação, Ouba abandonou sua forma humana e tornou-se para sempre o deus-tubarão que habita a área entre Waikiki e Koko-Head. A bonita Mamala foi mais tarde lembrada em uma canção que faz menção a esse triste triângulo amoroso:

Mele of Honoka'upu
O surf nasce em Ko'olau,
Transformando as ondas em névoa,
Em pequenas gotas,
Derramadas sobre o porto escondido,
Lá está meu querido marido Ouba,
Lá está o mar revoltoso, a correnteza de Kou,
O mar de Kou, como um caranguejo
Meu amor foi embora...
Agradável é a brisa da montanha
Eu espero o seu retorno,
Irá meu amor Ouba retornar?
Eu pertencço a Honoka'upu,
Do topo das ondas escolhidas²⁶.

Analisando os antigos textos havaianos, fica patente e muito clara a imensa liberdade sexual

que esse povo vivenciou^{9, 11, 14}. E como não poderia deixar de ser, o surf também teve uma participação muito intensa nesse contexto. Muitos romances podiam florescer ou ruir com a chegada ou a ida de um swell¹¹. Por exemplo, The Hawaiian Romance of La'ieikawai, conta a história de Hauailiki, um campeão de surf da ilha de Kauai que viajou até Ke'eau, no Havaí, para cortejar a amada La'ieikawai. Hauailiki tentou por diversas vezes impressionar sua amada com suas habilidades no surf e no bodysurf, mas o máximo que conseguiu dela foi um lindo colar de flores de lehua¹⁴. O fato de os ilhéus surfarem praticamente nus demonstrava a falta de constrangimento deles, e a forma simples e descompromissada com a qual encaravam sua sexualidade. Entretanto, para os missionários brancos que chegaram depois de James Cook, esse fato era inadmissível e foi combatido até sua extinção, como veremos mais tarde.

A sociedade polinésia

A sociedade polinésia era organizada em um sistema monárquico, e como em toda a monarquia os mais altos chefes gozavam de alguns privilégios. Como os reis estavam livres das tarefas diárias no campo, nas vilas e na pesca, podiam despender inúmeras horas no mar, praticando surf. Deve ser por esse motivo que a reputação da

grande maioria dos chefes polinésios era a de serem excelentes surfistas. O surf realmente era o esporte dos reis! Embora o surf fosse o esporte e o passatempo principal não só dos reis, mas de toda a população, existem inúmeros relatos de outras diversões praticadas por esse povo, tais como o surf com canoas e um tipo de surf na grama, conhecido como holua-sledding. A sociedade polinésia possuía uma série de tabus, conhecidos como kapu. Dentre os inúmeros kapus, podemos destacar aqueles que proibiam o povo de surfar em determinadas áreas, reservadas somente para a mais alta realeza, ou ainda aqueles que proibiam que um membro da comunidade surfasse a mesma onda que um chefe, mesmo que esse fato ocorresse em locais que permitissem a prática do surf a todas as pessoas da comunidade. Em uma lenda havaiana, por exemplo, um bonito surfista de nome Pikoí foi quase executado pelo fato de ter dividido a mesma onda com um chefe na região de Waikiki²⁶. Algumas pranchas também, conforme relatado, eram reservadas somente para a realeza. No antigo Havaí existiam basicamente três tipos de pranchas de surf: as paipos, as alaias e as olos. As paipos, como já mencionado anteriormente, eram os bodyboards primitivos, com os quais toda a comunidade surfava. As alaias eram pranchas maiores, que mediam entre 7 e 12 pés, tinham 18 polegadas de largura e entre meia a 1,5 polegada de espessura. Usadas tanto pela plebe quanto pela realeza, as alaias eram as pranchas preferidas para o surf em ondas grandes e cavadas.

Feitas comumente com um dos três tipos de madeiras propícias das ilhas: a mais pesada, Acaia koa, e duas mais leves, Artocarpus altia (fruta-pão) e Erythrina sandwicensis (wiliwili)¹¹. Infelizmente, somente algumas alaias feitas de koa sobreviveram ao tempo e podem ser admiradas nos museus de Honolulu. As olos eram muito maiores, mais pesadas e proporcionalmente mais estreitas que as alaias, e embora alguns escritores do século 19 relatem a existência de olos com 24 pés de altura, a maior olo que pode ser apreciada no Bishop Museum de Honolulu mede 17 pés de altura, 16,5 polegadas e meia de largura, quase 6 polegadas de espessura, e pesa 50 quilos! A prancha veio da coleção do príncipe Kubio, delegado do Havaí no Congresso americano, imediatamente após a anexação do Havaí aos EUA¹¹. De todos os antigos escritores que escreveram sobre o Havaí, somente Thomas Thrum foi enfático ao afirmar que as olos eram destinadas somente à realeza²⁵. Entretanto, isso parece ter algum sentido: com tantos kapus existentes na ilha, seria muito perigoso um plebeu surfar com uma olo, pois caso precisasse sair de uma onda ou desviar de um rei, a falta de maleabilidade delas poderia resultar em acidentes, o que por sua vez poderia gerar conseqüências fatais, como no caso da quase execução de Pikoí¹⁸. Uma outra característica marcante da sociedade havaiana eram as competições de surf. Tais competições eram feitas com vários formatos. Algumas delas

necessitavam que todos os competidores pegassem a mesma onda, vencendo aquele que chegasse primeiro na praia. Existiam também outros modelos de competição, que mesclavam os vários esportes da ilha, como o surf e o holua-sledding, e eram praticados por equipes. As apostas eram muito comuns nesses campeonatos, e não raro os ilhéus arriscavam tudo o que tinham em tais torneios: casas, canoas e animais^{11, 12, 18}. Embora o surf nas ilhas não fosse especificamente um ato religioso, sua prática estava indubitavelmente atrelada, integrada e envolvida com os cultos aos deuses e aos espíritos da natureza¹¹. O ritual iniciava-se ainda na escolha da árvore que geraria uma prancha de surf. Uma vez escolhida a árvore em questão, o artesão de pranchas depositava um peixe vermelho em seu tronco, para logo então derrubá-la com um machado de pedra. O peixe após era enterrado entre suas raízes e oferecido aos deuses com uma prece em agradecimento pelo presente. A subsequente construção da prancha era um ato de extrema habilidade manual, que requeria a utilização de inúmeras ferramentas, como pedras, madeiras e pedaços de corais¹¹. Uma vez terminada, a prancha era de pouca utilidade na ausência das ondas, logo, os havaianos desenvolveram ritos para "chamar" o swell, batendo no oceano com algas e entoando cânticos chamativos^{11, 17}. O surf era também o ponto central do maior festival havaiano. Era uma celebração anual chamada Makahiki. O deus Lono era o patrono desse festival, e todas as celebrações eram realizadas em sua homenagem. Do meio de outubro até o início de

fevereiro, os ilhéus paravam com todas as suas atividades e uniam-se para relaxar, dançar, festejar e praticar esportes⁹. Entre os inúmeros deuses havaianos, entretanto, não existe nenhuma menção especial a um deus do surf. Já no Taiti, Ellis nos fala de um deus conhecido como Huaouri e relacionado diretamente com as práticas do surf⁸. Infelizmente, sua contraparte havaiana permanece desconhecida e esquecida, muito embora a existência de ao menos um templo destinado ao surf na ilha do Havaí reforce a idéia de que esta divindade de fato deva ter sido cultuada no arquipélago havaiano¹¹. Por último, não podemos esquecer de mencionar as inúmeras palavras existentes na língua polinésia que se relacionavam diretamente com o surf. Os havaianos tinham tantas palavras para designar ondas como os esquimós as têm para designar neve. Abaixo, selecionamos algumas que julgamos pertinentes^{11, 17}:

'Ale lauloa: Onda longa e grande
He'e nalu: Fazer surf, surfista
He'ó'la ka mea háwáwá I ka he'e nalu:
O surfista inexperiente cai
Kaha nalu, he'e umauma: Bodysurf
Kai emi, nalu miki:
Onda causada pela arrebentação
Kai pi'i, nalu pu: Onda alta
Kai po'i, nalu ha'i: Onda que arrebenta
Malu ha'i lala: Onda que arrebenta na diagonal
Nalu: Arrebentação, oceano, onda
Nalu kua loloa: Onda longa
Nalunalu: Onda imperfeita
Pae: Surfar uma onda
Pae i ka nalu: Surfar uma onda até a praia
Paka: Surfar com canoa
Papa he nalu: Prancha de surf
Wahine: Mulher surfista

O renascimento do surf no século XX

Nosso ciclo de desenvolvimento do surf e da cultura polinésia começa a entrar em fase descendente logo após a chegada do capitão Cook às ilhas. Do ápice de seu desenvolvimento, toda a cultura rapidamente começou a entrar em declínio, e o surf, por volta de 1900, quase que desapareceu por completo nas ilhas. Já em 1844, em um volume intitulado *Scenes and Scenery in the Sandwich Islands*, Jarves observou que a prática do surf nas ilhas já não passava de um mero acontecimento ocasional¹⁶. Quanto mais o século avançava, mais os relatos de Ellis sobre vilas inteiras abandonando as tarefas diárias para surfar, e corpulentos chefes unindo-se a franzinos meninos nos outsiders das ilhas, tornava-se uma simples memória apagada pelo tempo. Mas... qual foi a causa de toda esta mudança? Para entendê-la, é preciso considerar a chegada dos imigrantes europeus, com suas armas, suas doenças, seu Deus, suas instituições, seus valores e suas ideologias. O declínio do surf foi uma mera parte de um desastre muito maior ocorrido nas ilhas do Havaí e, porque não dizer, em quase toda a Polinésia. Da chegada dos primeiros europeus, em 1778, até a anexação das ilhas aos EUA, em 1898, virtualmente todos os esportes, passatempos e cultura dos havaianos desapareceram. Os ilhéus gradativamente perderam sua

independência social, política, econômica e, conseqüentemente, sua identidade. O número de nativos foi drasticamente reduzido pelas inúmeras "novas" doenças recém-chegadas às ilhas. Novas pelo fato de as ilhas havaianas serem as mais distantes de qualquer região habitada do planeta; por este motivo, os havaianos não tinham adquirido imunidade contra doenças relativamente bem conhecidas e de não muito difícil controle, como o sarampo, por exemplo. Em 1890 a população nativa do Havaí era de somente 40 mil indivíduos. Algumas estimativas sugerem que em épocas pré-européias a população tenha atingido a cifra de 400 a 800 mil nativos! A recuperação posterior ao contato com as novas doenças foi ainda dificultada, pois uma grande parcela dos sobreviventes acabou ficando estéril devido à contaminação por doenças venéreas¹¹. Uma vez descoberto, o arquipélago havaiano foi mapeado e aberto ao mundo civilizado. Um enorme contingente de estrangeiros, os haoles, foram se apossando das novas terras e iniciando atividades extrativistas, transformando dessa forma a vida nas ilhas. O sistema financeiro, guiado pelo dinheiro e não pelas simples trocas outrora realizadas, afetou a vida econômica do ilhéus. As plantações de açúcar nas ilhas trouxeram milhares de asiáticos para trabalhar nas lavouras, ao ponto de, em



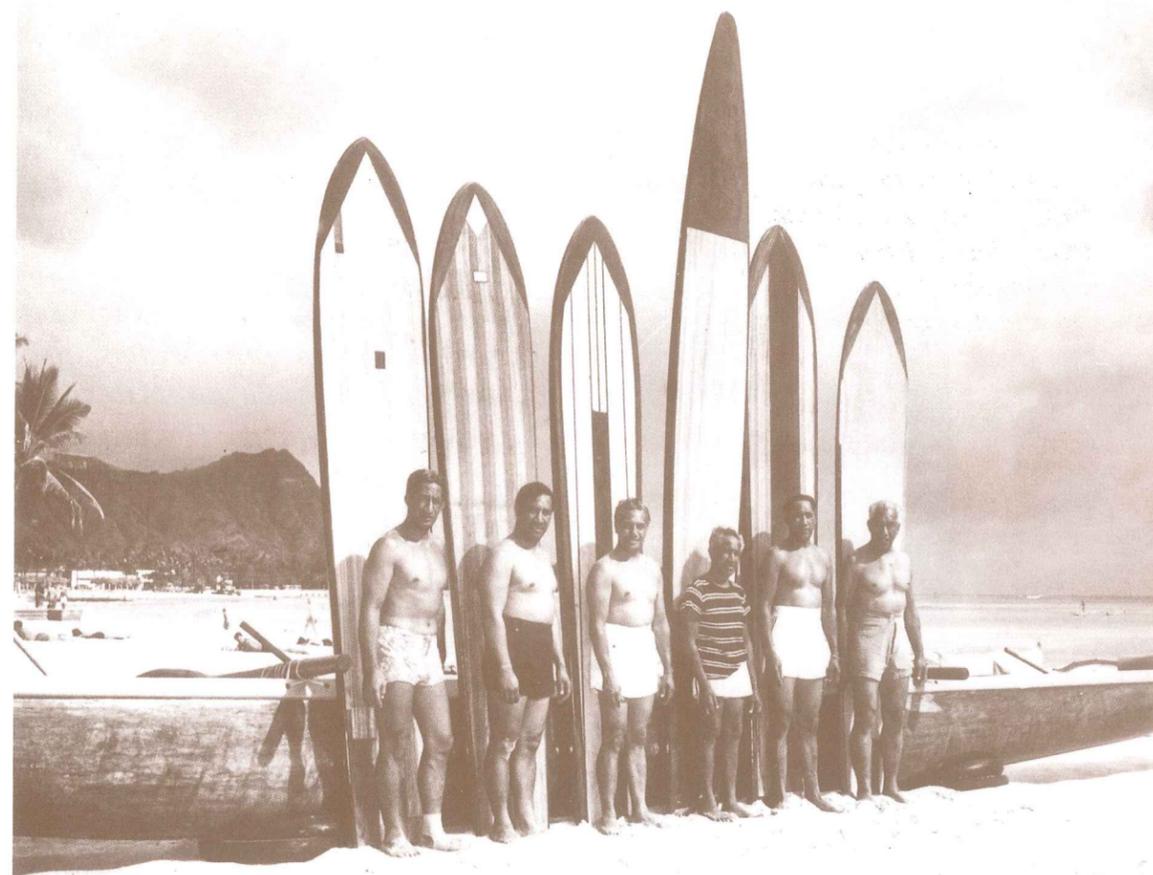
HONOLULU ADVERTISER
1925

1890, os havaianos serem a minoria em sua própria terra! A chegada dos estrangeiros, com suas enormes naus, seus metais e suas armas, levou parte do povo havaiano a duvidar do poder de seus próprios deuses, como Lono e Ku. Como os estrangeiros podiam ser tão poderosos mesmo sem obedecer aos inúmeros kapus que norteavam a vida nas ilhas? Até que em um certo dia, em 1819, Liholiho, filho de Kamehameha I, sentou-se para comer junto com sua esposa, dessa forma quebrando um dos kapus existentes havia séculos, e que

proibia os homens de comer com as mulheres junto à mesa. Esse foi o início do fim, pois a quebra desse sistema encerrou a ligação dos havaianos com os seus deuses, seus rituais e suas crenças, desestabilizando dessa forma os laços familiares, a estrutura de classes e influenciando sobremaneira as atividades cotidianas, tais como a pesca, as construções, as atividades agrárias e todos os outros simples aspectos da vida diária¹¹. Imediatamente após este fato, o festival Makabiki foi cancelado. Não existia motivo para mantê-lo, pois todas

as festividades que o compunham eram direcionadas em louvor a Lono, inclusive o seu ponto alto: as competições de surf! De certa forma, o festival Makahini foi de extrema importância para manter as atividades esportivas vivas nessa nação, pois era semelhante a um grande campeonato de futebol ou uma copa do mundo. É sabido que após esses eventos o número de admiradores e praticantes aumenta muito. O oposto ocorreu com o surf nas ilhas, que sem o atrativo dos festivais entrou em declínio. Para completar esse cenário, uma nova religião foi implantada nas ilhas, com novas restrições e novos sistemas de subserviência a Deus. Os missionários europeus tentaram por todos os meios influenciar os ilhéus e convertê-los ao ramo calvinista do cristianismo, que julgava imoral suas vestimentas, sua abusiva liberdade sexual e seus passatempos, que impediam o desenvolvimento científico e tecnológico. Alguns europeus chegaram ao ponto de associar a prática do surf ao satanismo⁷. A crescente necessidade de se inserir em uma nova cultura, de aprender uma nova língua e de se adequar às novas vestimentas afastou ainda mais os ilhéus do surf. A prática do surf era feita com o mínimo de roupas possível, e isso era totalmente contrário às novas restrições impostas pelos calvinistas. Com todo esse novo sistema sendo implantado, alguns artefatos do cotidiano dos ilhéus começaram a se tornar obsoletos e sem perspectiva de uso. Nesse contexto, centenas de pranchas foram destruídas ou utilizadas para

a fabricação de carteiras escolares, como nas escolas de Kauai¹¹! Felizmente, embora muito adocicado, o surf não chegou a morrer por completo nas ilhas havaianas. O mesmo não se pode dizer das outras ilhas do Pacífico, como o Taiti e Aotearoa. A maioria dos outros esportes das ilhas havaianas rapidamente desapareceu por completo. Entretanto, uma estranha força, talvez vinda da emanção vital dos esquecidos deuses do surf, trouxe-o de volta à vida no início do século XX e o dispersou pelo mundo com a força das mais severas epidemias. Alexander Hume Ford, George Freeth, Jack London e o príncipe Duke Paoa Kahanamoku foram alguns dos protagonistas centrais deste renascimento. Como mencionado no início de nossa história, o surf é o presente do Havaí ao mundo! Porém, apesar da ressuscitação do surf ter nos dado a oportunidade de nos unir a um lindo estilo de vida que beira a mais bela das religiosidades, para o povo havaiano isso não bastava. Vitimado pela dizimação de seu passado e sedento por reconquistar ao menos parte de sua glória de outrora, esse povo iniciou em meados da década de 60 um projeto de redescobrimto de suas origens. Essa reação cultural se deu em um momento crucial, quando diversos segmentos de sua cultura estavam prestes a dar seu último suspiro e perder-se no âmago do tempo. Em 1947, um zoólogo e geógrafo norueguês de nome Thor Heyerdahl empreendeu uma das maiores aventuras científicas de todos os tempos quando, ao tentar provar a sua teoria de que



os polinésios teriam sido originados de povos sul-americanos, lançou-se ao mar com mais cinco companheiros, totalmente à deriva em uma embarcação rudimentar, feita somente com nove toros de madeira balsa. Seu ponto de partida foi o porto de Callao, no Peru, e a expedição ficou conhecida com o nome de Kon-Tiki¹⁵. Cento e um dias após sua partida, a expedição atingia o arquipélago de Tuamotu, na Polinésia Francesa. Em 1961 os resultados desta epopéia foram debatidos em Honolulu,

durante um congresso científico, e sua teoria começa a encontrar eco na comunidade acadêmica. Descontentes com a possibilidade de ver que suas habilidades de navegação estavam sendo desprezadas, os polinésios, com o apoio da Sociedade Polinésia de Navegação, criaram o projeto Hokulé'a, que almejava reviver as antigas travessias polinésias, feitas com orientação das ondas, dos ventos e das estrelas¹⁰. Para o povo polinésio, era inadmissível concordar com a teoria de Heyerdahl,



que resumia todo esse antigo conhecimento a uma simples travessia à deriva e a mercê do acaso e da sorte. Com inúmeras pessoas envolvidas nesse projeto e guiadas pelo único ser humano que ainda detinha tais conhecimentos de navegação sem instrumentos, um velho nativo da região da Micronésia, em 1976 a equipe do Hokule'a parte do arquipélago havaiano rumo ao Taiti, levando como tripulação somente polinésios. A travessia é feita com sucesso e repetida em 1978, quando um acidente tirou a vida de um de seus tripulantes, o grande surfista e salva-vidas do North Shore havaiano Eddie Aikau¹⁰. De lá para cá, inúmeros havaianos têm aprendido essa velha arte e atualmente várias crianças participam de travessias menores guiadas pelo havaiano Nainoa Thompson, o primeiro dos novos discípulos do velho ilhéu da Micronésia. Paralelamente a isso, movimentos culturais de resgate lingüístico, musical e folclórico têm ocorrido no arquipélago havaiano com relativo sucesso. Por fim, cabe a nós, surfistas, de certa forma filhos dessa nobre linhagem, primar pela sua sobrevivência, informando-nos sobre nosso passado para melhor compreender nosso presente. **Aloha.**



Referências bibliográficas

- 1- Adans, H. Letters of Henry Adans. *Houghton Mifflin*. Boston, 1930.
- 2- Bingham, Hiran. A Residence of Twenty-one Years in the Sandwich Islands. *Converse*. New York, 1847.
- 3- Blavatsky, Helena Petrovna. A Doutrina Secreta, vol. 1. *Cosmogênese*. Ed. Pensamento. São Paulo, 1973.
- 4- Caton, John D. Miscellanies. *Houghton, Osgood*. Boston, 1880.
- 5- Cook, James & King, James. A Voyage to the Pacific Ocean, vols. 1-3. *G. Nicholl and T. Cadell*. London, 1784.
- 6- Da Silva, Georges. & Homenko, Rita. Budismo: Psicologia do Autoconhecimento. Ed. Pensamento. São Paulo, 1998.
- 7- Dibble, Sheldon. A History of the Sandwich Islands. *T.G. Thrum*. Honolulu, 1909.
- 8- Ellis, William. Polynesian Researches, vols. 1-3. *Fisher, Son & Jackson*. London, 1831.
- 9- Emory, Kenneth. Sports, Games and Amusements. In Ancient Hawaiian Civilization. Edited by Hellen Pratt. *The Kamehameha Schools*. Honolulu, 1933.
- 10- Finney, Ben. Voyage of Rediscovery – A Cultural Odyssey Through Polynesia. *University of California Press*. San Francisco, 1994.
- 11- Finney, Ben & Houston, James D. Surfing, A History of Ancient Hawaiian Sport. *Pomegranate Artbooks*. San Francisco, 1995.
- 12- Fornander, Abraham. An Account of the Polynesian Race: Its Origin and Migrations, vols. 1-3. *Triebner*. (Reprinted 1969), Tokyo and Rutland, Vt.: Tuttle, 1878, 1880, 1885.
- 13- Fornander Collection of Hawaiian Antiquities and Folklore. Translated and edited by Thomas G. Thum. *Memoirs of the Bernice P. Bishop Museum*, vols. 4-5, 1916, 1920.
- 14- Haleole. The Hawaiian Romance of Laieikauwai. Translated and edited by Martha W. Beckwith. Thirty-Third Annual Report of the Bureau of American Ethnology... 1911-1912. *Smithsonian Institution*, 285-666, 1919.
- 15- Heyerdahl, Thor. A Expedição Kon-Tiki. *José Olympio Editora*. 7ª edição. Rio de Janeiro, 1994.
- 16- Jarves, James. J. Scenes and Scenery in the Sandwich Islands. *Edward Moxon*. London, 1844.
- 17- Kampion, Drew & Brown, Bruce. Stoked. Uma história da cultura do surfe. *Benedikt Taschen Verlag Gmbh*. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.
- 18- Malo, David. Hawaiian Antiquities (Mo'olelo Hawai'i). Translated by Nathaniel B. Emerson. 2ª ed. *Bernice P. Bishop Museum*. Special Publication 2. *Bishop Museum*. Honolulu, 1951.

- 19- Tse, Lao. Tao Te King. Tradução e notas, *Huberto Robden*. Alvorada. São Paulo, 1985.
- 20- Ruschenberger, William Samuel W. Narrative of a Voyage Around the World. *Richard Bentley*. London, 1838.
- 21- Stewart, Charles Samuel. A Residence in the Sandwich Islands. *Weeks, Jordan & Co*. Boston, 1839.
- 22- Stokes, John F. G. Heiaus of Hawaii. *Manuscript in the Bernice P. Bishop Museum*. Honolulu, 1919.
- 23- Stokes, John F. G. Heiau of the Island of Hawai'i: A Historic Survey of Native Hawaiian Temple Sites. Edited by Tom Dye. *Bishop Museum*. Bulletin in Anthropology 2. *Bishop Museum*. Honolulu, 1991.
- 24- Taylor, Clarice. Tales About Hawaii. *Honolulu Star-Bulletin*, November 26:20, 1958.
- 25- Thrum, Thomas G., ed. Hawaiian Surf Riding (by an anonymous Hawaiian author from Kona, Hawai'i), with an introduction by T. G. Thrum and translated by M.K. Nakuina and T.G. Thrum. *Thrum's Hawaiian Annual* 106-113, 1896.
- 26- Westervelt, William D. Legends of Old Honolulu. *George H. Ellis*. Boston, 1915.

Agradecimentos

Aos deuses do surf por me manterem saudável e surfando cada vez mais e melhor. À doutora Maria Otília Lanza, reitora do Centro Universitário Monte Serrat - Unimonte, pela oportunidade concedida a mim na implantação da Unipran – Universidade da Prancha. Ao prof. Valdir José Lanza, pró-reitor administrativo-financeiro do Centro Universitário Monte Serrat - Unimonte, e ao Milton Pereira Lanza, pela amizade, companheirismo e confiança depositada em mim na implantação da Unipran – Universidade da Prancha. Ao board-rider Flávio Ascânio, pelo companheirismo e ensinamentos em todos esses anos de amizade. E ao Romeu Andreatta Filho, um dos caras mais importantes do surf no Brasil, pelo convite feito a mim e pelo enorme prazer que me proporcionou ao iniciar um trabalho com a equipe mais maravilhosa da mídia do surf brasileiro: a equipe Alma Surf!

A todos vocês, meu sincero Aloha e meus votos de que os deuses do surf os conduzam pelas melhores ondas neste oceano chamado vida.

Marcello Árias

Alma Surf

Encarte integrante da edição #8 da revista ALMA SURF. Não pode ser vendido separadamente.

Referências bibliográficas

- 1- Adans, H. Letters of Henry Adans. *Houghton Mifflin. Boston, 1930.*
- 2- Bingham, Hiram. A Residence of Twenty-one Years in the Sandwich Islands. *Converse. New York, 1847.*
- 3- Blavatsky, Helena Petrovna. A Doutrina Secreta, vol. 1. *Cosmogênese. Ed. Pensamento. São Paulo, 1973.*
- 4- Caton, John D. Miscellanies. *Houghton, Osgood. Boston, 1880.*
- 5- Cook, James & King, James. A Voyage to the Pacific Ocean, vols. 1-3. *G.Nicholl and T. Cadell. London, 1784.*
- 6- Da Silva, Georges. & Homenko, Rita. Budismo: Psicologia do Autoconhecimento. *Ed. Pensamento. São Paulo, 1998.*
- 7- Dibble, Sheldon. A History of the Sandwich Islands. *T.G.Thrum. Honolulu, 1909.*
- 8- Ellis, William. Polynesian Researches, vols. 1-3. *Fisher, Son & Jackson. London, 1831.*
- 9- Emory, Kenneth. Sports, Games and Amusements. In Ancient Hawaiian Civilization. *Edited by Hellen Pratt. The Kamehameha Schools. Honolulu, 1933.*
- 10- Finney, Ben. Voyage of Rediscovery – A Cultural Odyssey Through Polynesia. *University of California Press. San Francisco, 1994.*
- 11- Finney, Ben & Houston, James D. Surfing, A History of Ancient Hawaiian Sport. *Pomegranate Artbooks. San Francisco, 1995.*
- 12- Fornander, Abraham. An Account of the Polynesian Race: Its Origin and Migrations, vols. 1-3. *Triibner. (Reprinted 1969, Tokyo and Rutland, Vt.: Tuttle, 1878, 1880, 1885.*
- 13- Fornander Collection of Hawaiian Antiquities and Folklore. *Translated and edited by Thomas G. Thum. Memoirs of the Bernice P. Bishop Museum, vols. 4-5, 1916, 1920.*
- 14- Haleole. The Hawaiian Romance of Laieikauwai. *Translated and edited by Martha W. Beckwith. Thirty-Third Annual Report of the Bureau of American Ethnology... 1911-1912. Smithsonian Institution, 285-666, 1919.*
- 15- Heyerdahl, Thor. A Expedição Kon-Tiki. *José Olympio Editora. 7ª edição. Rio de Janeiro, 1994.*
- 16- Jarves, James. J. Scenes and Scenery in the Sandwich Islands. *Edward Moxon. London, 1844.*
- 17- Kampion, Drew & Brown, Bruce. Stoked. Uma história da cultura do surfe. *Benedikt Taschen Verlag Gmbh. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.*
- 18- Malo, David. Hawaiian Antiquities (Mo'olelo Hawai'i). *Translated by Nathaniel B. Emerson. 2d ed. Bernice P. Bishop Museum. Special Publication 2. Bishop Museum. Honolulu, 1951.*

- 19- Tse, Lao. Tao Te King. *Tradução e notas, Huberto Robden. Alvorada. São Paulo, 1985.*
- 20- Ruscbenberger, William Samuel W. Narrative of a Voyage Around the World. *Richard Bentley. London, 1838.*
- 21- Stewart, Charles Samuel. A Residence in the Sandwich Islands. *Weeks, Jordan & Co. Boston, 1839.*
- 22- Stokes, John F. G. Heiaus of Hawaii. *Manuscript in the Bernice P. Bishop Museum. Honolulu, 1919.*
- 23- Stokes, John F. G. Heiau of the Island of Hawai'i: A Historic Survey of Native Hawaiian Temple Sites. *Edited by Tom Dye. Bishop Museum. Bulletin in Anthropology 2. Bishop Museum. Honolulu, 1991.*
- 24- Taylor, Clarice. Tales About Hawaii. *Honolulu Star-Bulletin, November 26:20, 1958.*
- 25- Thrum, Thomas G., ed. Hawaiian Surf Riding (by an anonymous Hawaiian author from Kona, Hawai'i), with an introduction by T. G. Thrum and translated by M.K.Nakaina and T.G.Thrum. *Thrum's Hawaiian Annual 106-113, 1896.*
- 26- Westervelt, William D. Legends of Old Honolulu. *George H. Ellis. Boston, 1915.*

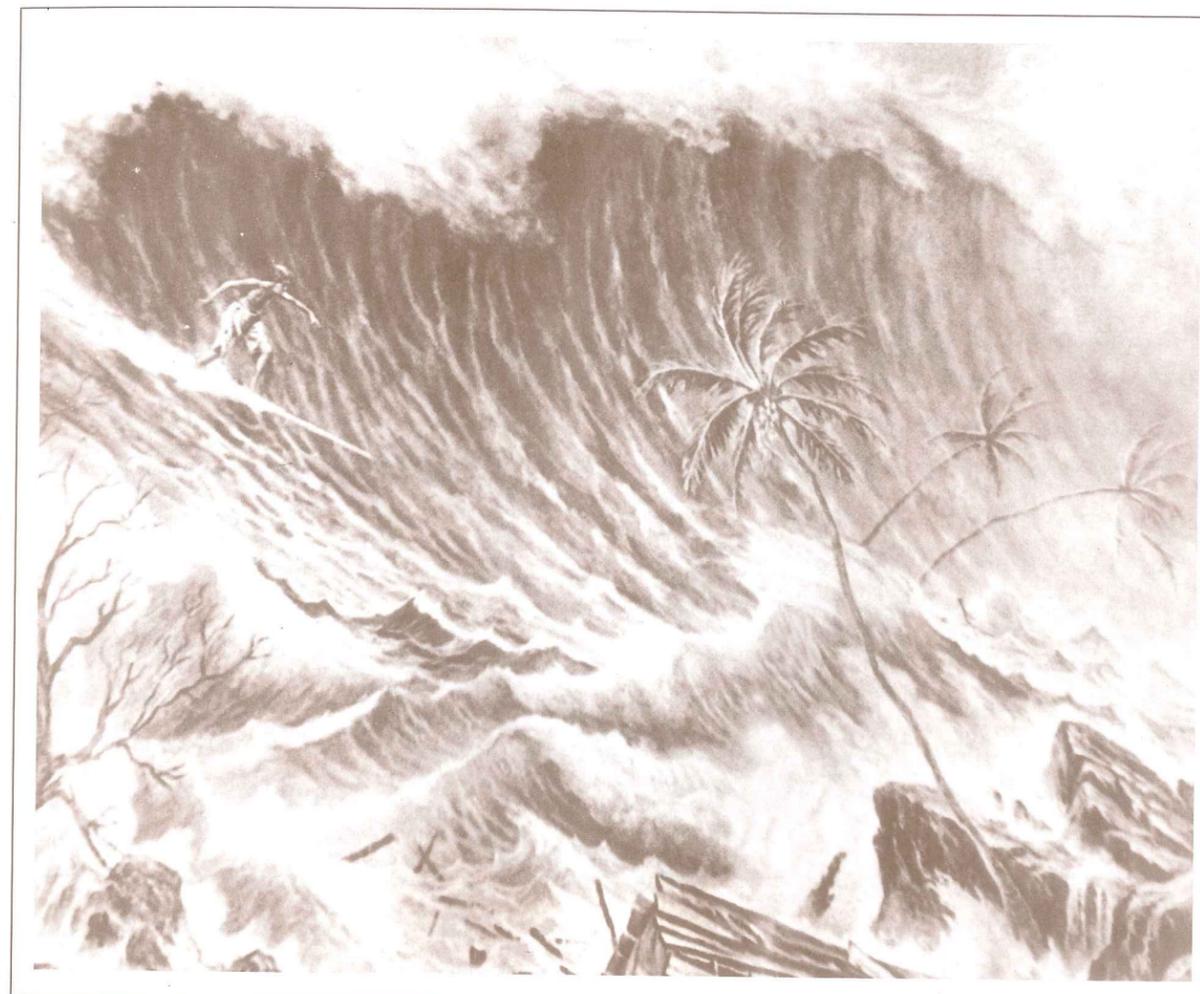
Agradecimentos

Aos deuses do surf por me manterem saudável e surfando cada vez mais e melhor.
À doutora Maria Otilia Lanza, reitora do Centro Universitário Monte Serrat - Unimonte, pela oportunidade concedida a mim na implantação da Unipran – Universidade da Prancha.
Ao prof. Valdir José Lanza, pró-reitor administrativo-financeiro do Centro Universitário Monte Serrat - Unimonte, e ao Milton Pereira Lanza, pela amizade, companheirismo e confiança depositada em mim na implantação da Unipran – Universidade da Prancha.
Ao board-rider Flávio Ascânio, pelo companheirismo e ensinamentos em todos esses anos de amizade.
E ao Romeu Andreatta Filho, um dos caras mais importantes do surf no Brasil, pelo convite feito a mim e pelo enorme prazer que me proporcionou ao iniciar um trabalho com a equipe mais maravilhosa da mídia do surf brasileiro: a equipe Alma Surf!

A todos vocês, meu sincero Aloha e meus votos de que os deuses do surf os conduzam pelas melhores ondas neste oceano chamado vida.

Marcello Árias

Surf Gênese



A antropologia do Surf

Capítulo I

Alma Surf

Encarte integrante da edição #8 da revista ALMA SURF. Não pode ser vendido separadamente.